como objetivo avaliar cada criança individualmente para obter as necessidades de cada um, haja vista que o ser humano desenvolve-se com base em suas vivências, convivências e experiências.
É necessário refletir sobre a relação que existe entre a liberdade de ação, e escolha que vive as crianças ao brincar e a interação do adulto. Cabe ao professor de educação infantil valorizar a brincadeira das crianças. Deve ainda, permitir que elas brinquem, organizar o espaço adequado, fornecer objetos, brinquedos, entre outros materiais para que as criança tenha a possibilidade de explorar livremente. É fundamental que este profissional conheça as brincadeiras e suas importâncias para propiciar que as crianças vivenciem de fato momentos de ludicidade, tão importante nesta fase da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

Biblioteca Virtual. BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E BRINQUEDOS FEITOS EM CASA [10/2013]. Disponível em: http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/201310-brincadeiras.php. Acesso em 18 jan 2014.

DANTAS, H. A infância da razão: uma introdução à psicologia da inteligência de Henri Wallon. São Paulo: Manole,1990.

FARIA, Anália Rodrigues de. O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LBD. Leis de Diretrizes e Bases. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 18 jan2014.

NEGRINE, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Prodil, 1994.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIAGET, Jean. Formação do Símbolo na criança. 3ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964. Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental: Formação pessoal e social. Vol.02. Brasília: MEC/SEF, 1998.

UNESCO INSTITUTE FOR STATISTICS. P.O. Box 6128, Succursale Centre-Ville. The Uis Is Based In Montreal, Canada. Published In 2007.

VIEIRA, Carmen Lúcia Nunes e MEZZAROBA, Cristiano. Ludoeducação. Santa Catarina: IADE, 2010.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. RIO DE JANEIRO: MARTINS FONTES, 1996.

A INDISCIPLINA NO ÂMBITO EDUCACIONAL

MICHAEL ALESSANDRO VICENTE ROSA

RESUMO

A proposta deste artigo científico é propor um olhar reflexivo sobre a questão de indisciplinaridade no cotidiano escolar atual, que, se não controlada, pode se tornar um problema na prática escolar afetando as instituições, seus sistemas de forma direta e seus constituintes (pessoas). Em face às mudanças sociais que ocorrem diariamente, e à falta de limites de alguns indivíduos, a escola reflete bem essa problemática por ser um núcleo que espelha de forma tridimensional a realidade social, com todas as suas benesses e mazelas; poder-se-ia dizer que, numa conjuntura não muito ampla, a escola é uma estrutura social (macroespacial) que acomoda também os problemas sociais (microespacial) e suas implicações. A partir daí chegaremos ao próprio conceito da indisciplina escolar, às sugestões preventivas e como certas bases podem nivelar tal desiquilíbrio.

Palavras Chave: educação; indisciplina; realidade social; prevenções

INTRODUÇÃO

O comportamento humano, por si só, não é unifor-

me, estático ou serial; ele tem movimentos, percalços e bifurcações em sua trajetória; sendo o educando cria da sociedade e também herdeiro natural de seu comportamento, a escola torna-se, por vezes, palco de manifestações individuais ou coletivas de desordem de indivíduos ou grupos, e a violência são as mais variadas. Todas as observações são fidedignas nesse artigo, fruto de cinco anos lecionando em escolas municipais na periferia de São Paulo e que são realçadas com base científica de pensadores educacionais ao seu tempo. Visa-se sugerir, por fim, prevenções assertivas para que se alcance a paz no ambiente escolar, ou a diminuição necessária dos embates digna de um ambiente saudável.
As práticas de desordem no contexto escolar, sejam elas de ordem físicas ou psicológicas, podem tornar-se estopim para uma violência em maior grau e com danos não só materiais, mas permanentes.
A violência é direcionada de diferentes formas e para diferentes alvos, sobretudo no âmbito escolar. Dentro desse quadro de violências desferidas no espaço da escola, Araújo (2002) ainda traz outras formas "organizadas" de se cometer violência através de gangues e grupos formados com uma só ambição: desestabilizar o sistema, afetando as pessoas e/ou suas bases de forma direta.
A violência se insere na conduta dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja ela fora ou dentro da escola, em conjunturas intra ou extracurriculares. Num segundo momento ela aparece sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos vivenciados pelos alunos em relação com seus pares, e com os profissionais de educação no contexto escolar. Dando-se a incongruência, ou seja, o estranhamento entre as partes (uma que cobra e outra que é cobrada: uma desarmonização hierárquica), assim a violência se dá como um artifício imediato daquele que se opõem à ordem contra aquele que a impõe, quase sempre.

1. A VIOLÊNCIA

Segundo Sposito, 1998:

Violência é todo ato que implica a ruptura do nexo social pelo uso da força; quando ocorre um ato de violência nega-se a possibilidade da relação social por meio comunicativo, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pela democracia. (SPOSITO, 1998 p. 60).

A violência sempre existiu na sociedade, mas como a imprensa se redimensionou nos últimos tempos (tanto a impressa quanto a digital), tudo vem à tona muito rápido, mais rápido ainda vêm todas as notícias ruins com o invólucro perverso do sensacionalismo que o ser humano prefere bestialmente consumir; como exemplo a se citar temos os programas de apelo sensacionalista que são líderes de audiência no horário nobre brasileiro. O fato é que mortes, desastres, misérias vendem muito mais manchetes do que as raras boas novas sociais.

Definido como um abuso intencional de poder nas diversas dimensões da vida humana, a violência enraíza-se nas relações de poder entre os seres humanos; ela infiltra em padrões de interação, em estratégias de resolução de conflitos e em representações sobre si mesmo ou sobre os outros na convivência cotidiana (CANDAU, 2001)

Sabemos que historicamente a agressividade é inerente ao ser humano que busca satisfazer suas necessidades básicas e subsistir numa sociedade mista e adversa. O homem é o único ser que apresenta impulsos agressivos contra sua própria espécie, enquanto outros animais manifestam seus instintos apenas quando são ameaçados em seus interesses vitais. A agressividade é a atitude resultante dos que, muitas vezes, deixam os principais instrumentos civilizatórios de lado: o diálogo, a compaixão e a empatia.

Não há dúvidas que a violência se expande a olhos vistos (tráfico de drogas, violência contra a mulher, homicídio, genocídio), esses são crimes resultantes de uma outra violência, que a chamamos de "guerra surda" (desemprego, recessão, fome, pobreza, preconceito); por vezes a falta do dinheiro e de condições eficazes de vida ou de educação faz com que a pessoa humana se desumanize e mate ou agrida o seu par porque outrora também ela se sentiu humilhada, rejeitada e agredida.

1.1) Ameaças

A violência no ambiente escolar está dividida em três categorias: Violência contra o patrimônio; Violência contra a propriedade; Violência contra a pessoa. Logo, as variantes dessa última categoria são: Violência sexual; Ameaças; Bullying; Cyberbullying; Vandalismo; Violência física; Violência verbal; Violência psicológica e etc.
As ameaças são gestos pelos quais se exprime a vontade de fazer mal a alguém, tirando-lhe a paz e

ou a saúde; num ambiente escolar elas podem ser direcionadas a um amigo da escola ou a um funcionário da instituição. Sua vítima pode expressar sentimento de insegurança, perturbação, e em grau mais elevado, doenças relacionadas ao psicológico afetado. Por inúmeras vezes, o intuito é promover um desconforto no ambiente escolar e em último grau promover a violência. (ABRAMOVAY, Rua, 2002 p. 51 e 52)

1.2) Bullying

O conceito da palavra no termo inglês bully que significa brigão, mandão, valentão.
Segundo (FANTE, Cléo, 2000 p. 101)

Bullying é conceituado como sendo um conjunto de atitudes agressivas, repetitivas e intencionais que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais alunos contra executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando- se possível a intimidação da vítima.
(...) ridicularizações, intimidações, apelidos pejorativos, ameaças, perseguições, difamações, humilhações, são algumas das condutas empregadas pelos autores.

Além dessas condutas comissivas, existe o bullying por omissão, que igualmente pode ser devastador e pode ser produzido com atos de ignorar ou isolar a vítima.
Segundo (SABOY, Jose, 1994 p. 145),

(...) tal qual o bullying "físico", o fato de "dar um gelo" na vítima pode acabar com sua autoestima, criando-se no futuro, no mínimo, um adulto problemático.

Dan Olweus, professor da universidade de Bergen (Noruega) iniciou o estudo sobre este fenômeno no momento em que ele percebeu que houve um número intenso de suicídio de crianças na década de 70. Este estudo apontou que a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de bullying. Esta situação originou uma campanha nacional com o apoio do governo norueguês que reduziu cerca de 50% os casos de bullying nas escolas. (CALHAU, 2011 p. 12-13).
Bullying é um fenômeno que castra a moral e que afeta de forma direta a psique de quem é vítima, e é responsável, muitas vezes, pelo seu baixo rendimento e pela sua apatia escolar. São os participantes do bullying e suas marcantes características:

- Agressores: geralmente são pessoas sem empatia; são geralmente impulsivos; geralmente têm lares desestruturados; adotam condutas antissociais; quase sempre atraídos por más companhias; geralmente gostam de plateia para mostrarem a força/liderança.
- Vítimas: geralmente são pessoas tímidas; geralmente são ansiosas; geralmente são sensíveis; quase sempre são desprovidas de força corporal; costumam ter fraquezas intelectuais; podem ter algum tipo de deficiência aparente; contêm excessos físicos (muito magro, ou muito gordo); frequentemente têm pele escura; têm cabelo crespo; muitos têm religião diferente dos demais.

- Plateia passiva: Adotam a omissão, ajudando, assim, indiretamente o transgressor.

Os mais lesados de todo esse processo são as vítimas, e as consequências são apavorantes. Como resultado negativo dessa equação, as vítimas acabam tendo estresse, apatia pela vida, isolamento, doenças físicas ligadas ao sistema nervoso afetado (gastrite, bulimia, alergia, obesidade, problemas de pressão e cardiológicos e etc).
Pela perversão das atitudes e suas consequências, o bullying acabou virando crime no país por conta dos clamores sociais frente às tais evidências.
Notando várias vezes um caso de bullying contra um aluno do 6º.A numa escola municipal que dou aula há 3 anos, pedi, em reservado, que ele expusesse em poucas linhas seus sentimentos em relação à agressão sistêmica que ele sofria na sala de aula. O nome dele é Lázaro, 12 anos:

"Caro professor,
O fato de eu faltar tanto nas aulas é porque não tenho nenhum interesse em aprender pois ninguém gosta de mim na minha sala. Todos falam que meu cabelo é feio, que sou gordo. Não fazem amizade comigo, fico sempre isolado. Me jogam papel (sic). Às vezes tenho vontade de "ir pra cima", mas tenho medo, eles são muitos...
Gosto de mim, em casa dizem que sou bonito. Meu pai tem o mesmo cabelo que eu tenho, mas quando chego de manhã para ir a escola (sic), chego até inventar para minha mãe que não estou bem. As vezes invento uma dor de cabeça (sic); outros dias uma dor de barriga, e assim eu falto. Prefiro assim do que ficar com pessoas que não me gostam (sic)."

Após perceber a apatia do aluno, sua tristeza contí-

nua, suas faltas constantes e como resultado lógico: suas notas baixas, tive a ideia que ele falasse através da escrita o que sentia, uma vez que ele era extremamente tímido e praticamente não se comunicava; algumas vezes já havia notado o bullying contra o Lázaro acontecer nas minhas aulas, mas sempre interferi repreendendo, e os agressores, pelo menos por ora, paravam; não pensei que isso se prolongasse para as outras aulas e quiçá na hora do intervalo. Depois de notar pela carta que a violência permanecia, eu e os outros professores fizemos uma campanha antibullying pela escola. Fizemos cartazes com os alunos em favor do respeito ao outro; do repúdio a qualquer violência, principalmente ao bullying; fizemos os alunos apresentarem seminários a respeito do tema e foi um sucesso. Salvamos Lázaro. Suas notas aumentaram, bem como a sua frequência. Seu sorriso voltou, e seus colegas também. É claro que ainda permanece as "brincadeiras" de mal gosto entre eles, mas eles são pré-adolescentes e isso é o fator da faixa etária que viabiliza tais comportamentos, porém tal assédio moral baixou muito em relação ao que era antes. Creio que outros Lázaros da escola também se salvaram, também voltaram a ser respeitados como merecem.

1.3) Cyberbullying

Sabemos que a utilização dos meios eletrônicos possibilita a comunicação mais otimizada e rápida; os dados digitais possibilitam o desenvolvimento da sociedade favorecendo os indivíduos, mas pessoas usam-no de forma inadequada, ofendendo a moral dos outros.
O pesquisador canadense Bill Belsey foi a primeira pessoa a citar e definir a palavra cyberbulling no mundo. A diferença entre o bullying e cyberbullying é que neste caso o agressor usa do meio eletrônico, mas os efeitos da violência são os mesmos.
Os meios virtuais mais conhecidos utilizados para propagar as difamações e calúnias são: e-mails, torpedos, blogs, comunidades, whatsapp, facebook e etc...

1.4) Vandalismo

Geralmente o vandalismo é um caminho seguido por jovens que não encontram outra forma de demonstrar sua energia e sua agressividade. Os vândalos, geralmente constituem grupos para serem mais fortes e temidos, por conseguinte.

As transgressões aos patrimônios escolares ocorrem porque o jovem quer menoscabar ou deteriorar aquilo que acha que é mais forte do que ele (a organização escolar e suas regras). Destruir esse patrimônio o faz forte, um semideus, o coloca em primeiro lugar (mesmo que ilusoriamente) na hierarquia do seu mundo limitado e deturpado.
Sabemos que isso ocorre, sobretudo, durante a adolescência; segundo (GIMENEZ, 2000 p. 89) é um período de conflitos interiores onde o jovem se sente ultrajado de todas as formas e maneiras, e muitas vezes por nada; contudo se ele se vê contestado, humilhado, pressionado, inquerido ou contrariado no ambiente escolar, esse jovem vai vilipendiar onde for mais acessível a ele para ser recompensado e sua dor amenizada por algum tipo de violência que venha fazer com suas mãos.

2) COMPREENSÃO GERAL DE INDISCIPLINA NA ESCOLA

O indivíduo quando ocupa os espaços na sociedade chega com informações e vivências adquiridas, os quais automaticamente foram internalizados. À princípio, o indivíduo pode se sentir corrompido em seus valores, pois classifica um ambiente fechado e cheio de regras estabelecidas como um espaço adverso que fere justamente o que ele pode prezar sobremaneira: a liberdade. Assim é possível no âmbito escolar encontrar muitos estudantes praticando atos de violência, pois suas relações sociais são deterioradas pelo seu superego severo.

Percebe-se que o ambiente de sala de aula é muito vulnerável pois a perspectiva que o educando tem da vida pode muitas vezes atritar com os valores do educador. Quando não muito bem preparado para acolher essas dimensões, a escola passa a ser um frágil cenário para esse possível embate de culturas e perspectivas diferentes. Tumultos, desordens, bagunça, violência (em sua amplitude) têm origem sim na má organização familiar, no seio da má cultura do educando e em seus maus valores gerais fundamentais.

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas (Aquino, 1996 p. 40)

Não há, infelizmente, uma receita ou uma vara de condão que faça tal realidade reverter instantaneamente, pois cada aluno é um universo, e cada problema tem inúmeras vertentes e origens; leva-se, muitas vezes, muito tempo para que haja paz, entendimento, ou meramente respeito entre o educador e educando, ou entre os próprios educandos, nesse embate desigual e complexo da violência em sala de aula. O que funciona, efetivamente, é o trabalho em conjunto e a estrutura escolar acolher o professor na hora do embate, ou que todos acolham os alunos vulneráveis quando esse precisar para que os violentos caiam em si e se enxerguem como minoria de um sistema forte de ensino e acolhimento aos que querem de fato aprender e agregar.
O desejável é que os alunos tenham noção desde pequeno que a estrutura escolar que envolve: outros alunos, professores, diretor, secretário, tio (a) da limpeza, pais e etc, é feita para eles e por eles e que o ambiente escolar é local de acolhimento, não de opressão, como alguns alunos rebeldes acreditam ser.
Alunos com baixa autoestima; alunos com deficiência; alunos com hiperatividade; ou simples e tão somente alunos, podem causar também problemas de indisciplina tanto quanto os demais, podem tornarem-se rebeldes pois poderão não ter na escola o mesmo aparato que tem na sua estrutura familiar. O excesso de zelo ou o mimo em demasia pode fazer com que o aluno se rebele pois acha que a instituição o difere dos outros, o minimiza, o esquece, o escanteia. Por isso é bom o equilíbrio quando se cria um filho independente de sua limitação intelectual ou física para que seus valores não se alterem quando começar a ter relações com outros em ambiente comum. É a melhor forma de se haver democracia nas relações e de se imperar a paz.
Enfrentar as indisciplinas da vida, portanto, exige dos profissionais da educação uma nova postura dialógica e democrática, pois os tempos mudaram, os alunos querem e precisam ser também autônomos desse processo complexo de ensino- aprendizagem. Reconhecer os alunos como se fossem parceiros e peças de uma mesma engrenagem que faz funcionar o mundo da educação é a meta e possível chave para que haja diminuição da violência no âmbito escolar e suas esferas.

Ora não é possível assumir que é a indisciplina se refira ao aluno, exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico moral. Também não é possível creditá-lo totalmente à estruturação escolar e suas circunstâncias sócio históricas. Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tomando a um problema de cunho essencialmente didático- pedagógico. (Aquino, 1996 p. 48)

Eu como professor vejo que é comum a prática de terceirização da educação por parte dos pais. Muitas famílias, se não a maioria, têm transferido a responsabilidade da educação dos seus filhos para a escola, distorcendo e descaracterizando a função da mesma. O mau comportamento das crianças nas instituições tem a ver, sobretudo, com o déficit de afeto que ela tem no seio familiar; as crianças apenas reagem a essa indiferença, muitas vezes de forma inconsciente, e as perdas de valores essenciais as vitimizam.

2.1) Sugestões preventivas para a problemática

Como vimos nos tópicos anteriores, todos os profissionais da educação devem levar em consideração as limitações do educando; assim sendo, o educador deve ter em si que todas as escolas, seja que nível for, que bairro for, que classe econômica pertencer seus constituintes, há e sempre haverá indisciplina, e para que se tenha condições de amenizá-la ou mesmo extirpá-la, há necessidade de enfrentá-la com responsabilidade, interesse e democracia, incentivando os pais a acompanhar a educação de seus filhos, ajudando assim criar um elo natural e necessário para o sucesso.
Menos aulas maçantes que envolvam apenas lousa e giz, e a escola ter mais gincanas, mais passeios, mais feiras, mais exposições é um dos caminhos favoráveis para que o aluno aprenda a respeitar o espaço escolar pois assim ele se torna o protagonista de sua história no processo ensino-aprendizagem e assim ele fará da sua unidade escolar um segundo lar, cujo qual terá que cuidar e manter.
A indisciplina não é fácil de ser trabalhada e nem impossível de ser resolvida, basta que os educadores se policiem e que não se rebaixem ao nível do aluno indisciplinado. Gritar no mesmo tom ou mais alto do que ele, por exemplo, muitas

vezes pode demonstrar destemperança frente a uma possível situação que possa demandar, sobretudo, calma.
Notamos que o abandono, a falta de diálogo, a negligência dos pais, as privações afetivas e sociais são desencadeadores da violência nas escolas,

ou seja, a problemática mora na base social e fica humanamente difícil resolver sozinho essa complexidade. O ideal é a parceria com a comunidade. Segundo Silva (2004) a UNESCO é a favor de que a comunidade faça parte da escola, como no caso das grandes capitais que tem 60% de suas unidades escolares abertas ao público nos finais de semana e feriados para as práticas esportivas, recreativas e pedagógicas. A criminalidade nas escolas baixou 55%, diminuíram as depredações nos prédios, aumentou a participação comunitária nas escolas e melhorou o relacionamento aluno/professor, aluno/aluno e aluno/instituição nas unidades escolares brasileiras.

Práticas multiculturais coordenados por todos de valorização humana, juntamente com ações comunitárias solidárias, promovem resgates dos valores perdidos, essencial para uma vida equilibrada num ambiente em comum.

3) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, sem medo de errar, grande parte das indisciplinas que acontecem nas escolas são frutos de carência familiar, falta de companheirismo, violência familiar/comunitária e grande pobreza (de dinheiro ou de espírito), e muitas instituições educacionais não estão preparadas para atender educandos que vêm com essa bagagem pesada, fazendo com que a indisciplina numa sala de aula tenha múltiplas causas. A violência é um fenômeno típico da nossa época pois está enraizado no homem moderno graças ao capitalismo, ao consumo exacerbado e num mundo aparente e ilusório que faz encobrir valores primordiais.

As atitudes de rebeldia são termômetro dessa doença. Constituir um lugar democrático baseado nos princípios de igualdade não é para qualquer um, é uma dose homeopática de paciência, sabedoria e resiliência.

Educadores precisam rever suas práticas; certamente não é uma profissão qualquer, somos vários num só corpo; em sala de aula fazemos o papel de pai, irmão, psicólogo, terapeuta, médico; sim, de médico, aquele que faz desaparecer a dor de

11

uma revolta e lhe mostra a cura através de um caminho de sucesso, um alento, uma esperança, uma luz no fim de túnel da vida.

A indisciplina é um problema de ordem social, extraescolar, e os limites coletivos é o papel principal para a transformação. Quem tem esperança avança, quem não tem recua. O caminho é árduo, mas ainda assim, fascinante!

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Jose Carlos Souza: GATTI JUNIOR, Décio. NOVOS TEMAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas SP. EDUFU 2002

ABRAMOVAY, Miriam: RUA, Maria das Graças – Violência nas escolas. Ed. Unesco, doações institucionais

AQUINO, J. G. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. Summus Editorial p. 40 (1996)

FANTE, Cleo e PEDRA, Jose Augusto. Instabilidade Escolar e Violência p. 101 . Editora Ouro (2000)

GIMENEZ, Marcia – A educação e a criança – Editora 2 de Junho – 2000 p. 189 SABOY, J. Moreira – Indagações da Educação – Ed: Líder – 1995 – p. 145 e 146

SILVA, A. B. B. – Violência escolar – Prédio em chamas. Rio de Janeiro – Editora Objetiva 2004 – p. 164 e 165

SPOSITO, Marilia Pontes. Um breve balanço sobre violência escolar no Brasil. São Paulo. Educação e Pesquisa, p. 60 – 1998 Disponível em www.iea.usp.br/observatorios/educacao acesso em 18/04/2020

CALHAU, Lélio Braga. Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niteroi, RJ: Impetus. 2009. Projeto cartilha nas escolas pg. 12 e 13 www.unesp.br/progad/PDFNE2004/artigos/eixo7/aindisciplina.pdf acesso 17/04/2020

CANDAU V. M: Educação em Direitos Humanos e Bullying. Revistas brasileira de educação (2001) . www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676_924.pdf acesso 19/04/2020